

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

ENTRE O SERTÃO, O RIO E O MAR: PAISAGEM CULTURAL HÍDRICA NA OBRA DE LEON CLEROT (1940–1969)

Sabrina Fernandes Melo (sabrina.melo@academico.ufpb.br)

O artigo analisa a produção artística, técnica e institucional do artista, engenheiro e intelectual Leon Clerot (1889–1969) para a construção de uma leitura da paisagem cultural paraibana, a partir de incursões realizadas entre as décadas de 1940 e 1960 pelo sertão, pelos vales fluviais e pelo litoral do estado. Nesse período, Clerot atuou simultaneamente como artista, engenheiro e agente cultural, articulando observação direta do território, representação gráfica e posicionamento público em defesa do patrimônio natural e cultural da Paraíba.

As viagens e levantamentos realizados por Leon Clerot entre 1940 e o final da década de 1960 resultaram em desenhos, pinturas e escritos que registram diferentes tipologias de paisagem, organizadas a partir do percurso sertão–rio–mar. A água estrutura essa leitura territorial, conectando áreas de escassez hídrica no sertão, paisagens fluviais associadas a práticas culturais, vestígios arqueológicos e formações geológicas, até alcançar o litoral, especificamente

com a barreira do Cabo Branco, ponto mais oriental das Américas. O rio Mamanguape assumiu papel central nesse conjunto, funcionando como eixo de conexão entre sertão e mar e articulando observação ambiental, interesse científico e representação artística. Clerot registrou o curso do rio, suas margens, afluentes e matas, ao mesmo tempo em que atuou em investigações sobre fósseis e na fiscalização de áreas ameaçadas pela devastação, especialmente no contexto de sua participação na Sociedade Protetora das Árvores a partir de 1944.

No litoral, destaca-se a falésia do Cabo Branco, tema presente tanto na iconografia de Clerot quanto em seus textos técnicos e intervenções públicas. Desde meados dos anos 1940, acompanhou o avanço da erosão da falésia e denunciou os impactos da urbanização sobre a barreira geológica, compreendendo o Cabo Branco como elemento-chave da paisagem cultural costeira da Paraíba. Em textos publicados até 1969, Clerot afirmou a inevitabilidade do recuo da falésia devido à ação abrasiva do mar, ao mesmo tempo em que criticou a aceleração desse processo pela ação humana, defendendo medidas de contenção e gestão do território. Suas representações visuais do local podem ser entendidas como registros de um estado da paisagem ameaçado de desaparecimento.

O artigo também considera a atuação de Clerot na criação do Museu do Estado da Paraíba e do Centro de Artes Plásticas, entendendo essas iniciativas como parte de um esforço mais amplo de catalogação, preservação e valorização de bens culturais e naturais. A articulação entre arte, geografia, ambiente e patrimônio evidencia a paisagem cultural como resultado de processos históricos, práticas institucionais e relações simbólicas com o território. A análise de parte da obra e da militância ecológica de Leon Clerot na Paraíba contribui para o debate conceitual sobre a noção de paisagem cultural, ao evidenciar tipologias fluviais, rurais e costeiras estruturadas pela centralidade da água, bem como suas implicações para a preservação do patrimônio e para uma leitura crítica das transformações do território.

Palavras-chave: paisagem cultural hídrica; sertão—rio—mar; leon clerot; paraíba.